

9º concurso  
literário

# Prado Veppo

2024



**COMISSÃO ORGANIZADORA**

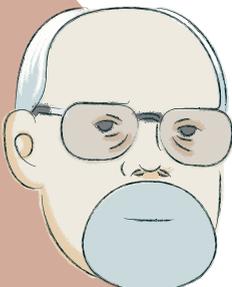
Prof. Me. Rodrigo Jappe  
Profa. Dra. Denize da Silveira Foletto  
Profa. Me. Talita Valcanover Duarte  
Profa. Dra. Graziela Frainer Knoll



9º concurso  
literário

# Prado Veppo

2024

A stylized illustration of a man's face, likely the author Prado Veppo. He has short, light-colored hair, wears glasses, and has a full, light-colored beard. The illustration is positioned to the right of the main title text.

**COMISSÃO ORGANIZADORA**

Prof. Me. Rodrigo Jappe  
Profa. Dra. Denize da Silveira Foletto  
Profa. Me. Talita Valcanover Duarte  
Profa. Dra. Graziela Frainer Knoll

SANTA MARIA, 2024

## **EDITORA UFN**

Rua Silva Jardim, 1535 | Prédio 7, Sala 305

Centro | Santa Maria, RS

97010-491 | (55) 3220.1203



editora.ufn.edu.br

## **COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Fagner Millani

Lucio Pozzobon de Moraes

## **CAPA**

Rafaela Vasconcelos

## **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Lucio Pozzobon de Moraes

## **DISTRIBUIÇÃO GRATUITA | VENDA PROIBIDA**

C744	Concurso literário Prado Veppo (9. : 2024 : Santa Maria, RS) 9º Concurso literário Prado Veppo 2024 / Comissão organizadora Rodrigo Jappe...[et al.] – Santa Maria, RS : Editora UFN, 2024.  ISBN: 978-65-5852-344-4 (online) ISBN: 978-65-5852-343-7 (impresso)  1. Literatura brasileira – antologia 2. Conto 3. Poesia I. Jappe, Rodrigo  CDU 821.134.3(81)-82
------	--

Elaborada pela Bibliotecária Eunice de Olivera CRB 10/1491

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es). A Editora UFN não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

## APRESENTAÇÃO

Apresentamos com orgulho a coletânea de textos literários vencedores do 9º Concurso Literário Prado Veppo, Conto e Poesia, Edição 2024, promovido pelo Curso de Letras da Universidade Franciscana, em Santa Maria. Este concurso bienal tem como objetivo principal incentivar a escrita literária em suas diversas formas, buscando revelar novos talentos e enriquecer o cenário cultural da região. O concurso também visa homenagear o poeta, médico e professor Luiz Guilherme do Prado Veppo, assim como a Professora de Literatura Marta Lia Genro Appel.

Nesta edição, recebemos uma quantidade expressiva de obras de alta qualidade, que demonstram a riqueza da imaginação e da criatividade dos participantes. A seleção dos textos vencedores foi realizada por uma comissão julgadora especializada, que avaliou critérios como originalidade, estética literária e capacidade de expressar a complexidade da experiência humana.

Os objetivos específicos do concurso foram plenamente alcançados, e esta coletânea apresenta:

- Textos inéditos que destacam a qualidade estética literária dos autores;
- Uma rica diversidade de temas e estilos, refletindo a imaginação e criatividade dos participantes;
- Manifestações autênticas, individuais e culturais, que ressaltam a importância da escrita como forma de expressão.

O concurso consolida-se como um importante espaço de fomento à literatura e à cultura na região. A prática da escrita criativa é uma expressão artística que contribui para o desenvolvimento emocional, cultural e cognitivo, ao criar mundos ficcionais, construir sentidos e abordar temas que tocam as profundezas da alma humana.

Agradecemos a todos os participantes e parabenizamos os vencedores por sua excelência. Esta coletânea de textos vencedores certamente inspirará leitores e escritores a explorar novos horizontes da imaginação e da criatividade.

Boa leitura!

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Prof. Me. Rodrigo Jappe  
Profa. Dra. Denize da Silveira Foletto  
Profa. Me. Talita Valcanover Duarte  
Profa. Dra. Graziela Frainer Knoll

## **JURADOS - CATEGORIA CONTO**

Profa. Dra Adriana Claudia Martins  
Prof. Rossano Segabinazzi  
Profa. Fernanda Araújo

## **JURADOS - CATEGORIA POESIA**

Profa. Daniella Smeha  
Profa. Cristiane Gonçalves  
Profa. Me. Silvia Silveira Cardoso

## **VENCEDORES - CATEGORIA POESIA**

1º lugar: Rio Grande Renascido, escrito por Isadora Gomes Taugen  
2º lugar: Coroa de Margaridas, escrito por Julia Moscato de Bem  
3º lugar: A Bravura, escrito por Bruna Vitória Pasa

## **VENCEDORES - CATEGORIA CONTO**

1º lugar: O Burocrata da Intendência, escrito por Janaina Marchi  
2º lugar: O Vazio Preenchido, escrito por Ana Júlia de Lima Grutzmacher  
3º lugar (empate): O Libertador de Gado, escrito por Gabriel Cassol Machado  
e Meia-água, escrito por Fátima Jussara Pinto Paródia

## CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

- a) Criatividade, originalidade e ineditismo;
- b) Adequação ao gênero;
- c) Domínio da Língua Portuguesa, salvo desvios apropriados à linguagem literária;
- d) Verossimilhança: coerência interna.
- e) Uso de recursos estilísticos, como figuras de linguagem e equilíbrio entre “contar” e “mostrar”;
- f) Complexidade psicológica do personagem central;
- g) Uso dos cinco sentidos (tato, olfato, visão, audição, paladar) como meios de percepção do mundo;
- h) Uso da linguagem para efeito estético: mescla de frases com período simples e período composto por subordinação;
- i) Polifonia: coerência entre a voz/discurso/linguagem do personagem e sua condição social, cognitiva, etária, etc.

## CRITÉRIO DE EXCLUSÃO

Conteúdo que viole a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>





# CONTOS



# O BUROCRATA DA INTENDÊNCIA

Janaina Marchi

6:15! O despertador toca. Na verdade, nem precisava, pois Mário mal dormira. A ansiedade era grande. Depois de três anos sem trabalhar, hoje era o primeiro dia de uma nova vida. Funcionário público, concursado! Pula da cama e vai para o banheiro no “puxadinho” da casa. O assoalho de madeira, podre, rangia sob seus pés. A casa, simples e precária, simboliza suas lutas passadas. Estudo teve pouco, concluiu o Fundamental e fez o Médio no EJA. Mas era dedicado, só que a vida nem sempre premia o esforço. Agora, tudo seria diferente. Estabilidade, salário em dia, sonhos renovados.

Ainda era cedo. Liga o fogão para aquecer uma água e tomar um “pretinho”. Silêncio total na casa, pois filhos e esposa ainda dormem. A chaleira começa a fumacear, desliga a água, coloca na xícara. Adoça. Sorve um gole e pega a margarina na geladeira. Não tem pão, mas tem bolacha. Já está bom. Logo as coisas melhoram. Lucinda acorda, meio escabelada, bocejando, vai para a cozinha e dá um abraço apertado no marido. Tomam café juntos, mas em silêncio. Nunca foram de muito papo. A relação se dá mais no olhar. Cada um sabe o que tem que fazer. Conversar sobre como foi o dia e se as crianças estão bem. As dores cada um guarda para si. Os outros sentimentos também. Vivem bem assim. Sem muita conversa, também não há muita discussão por bobagens, pensa Mário.

7:15! O expediente começa às 8:30. Tem que pegar o ônibus logo em seguida. Vão ser 45 minutos até lá, se o trânsito permitir. Se despede de Lucinda, pede a ela que deixe um beijo aos filhos, fecha a porta e sai. No caminho, cumprimenta, radiante, alguns vizinhos que lhe desejam boa sorte. Chega ao ponto, o ônibus estaciona. Lotado. Mário nem se importa. O trânsito está tranquilo, vai dar para chegar antes do horário. Ao descer na sua parada vai em direção à prefeitura, que fica a alguns metros dali. “Até nisso dei sorte!”, pensa ele. Esboça até um assovio. Mas logo se censura e se recompõe. Na portaria, uma senhora de óculos, cabelos curtos meio grisalhos, semblante cansado o recebe. Olha para ele e pergunta:

– Siiimm? – com uma voz nasalizada.

– Sou o novo funcionário concursado da Secretaria de Obras e Habitação.

– Ah! – responde a recepcionista. – A sala de integração é no final do corredor à direita.

Com passos largos, Mário se dirige à sala indicada. Ao chegar lá, já estão à sua espera três homens, bem trajados, em pé, ao lado de uma mesa principal. Conversam despreziosamente, rindo alto. Meio tímido, fica plantado na porta até que os senhores o percebam e o convidem a entrar. A pedido deles, Mário se apresenta. Com um aperto de mão, o saúdam e pedem que se sente e espere a chegada dos demais novatos. “Fui o primeiro a chegar”, pensa ele, “ponto para mim”. Passados cinco minutos, chegam mais dois senhores. Da mesma forma, meio tímidos, são convidados a se sentar e esperar os outros três que faltam, os quais não tardam a aparecer na sala. 8:45 já estão todos sentados e aguardando o início da reunião de integração.

Até então, ninguém conhecia ninguém, a não ser os três senhores bem vestidos que já estavam na sala quando os novatos chegaram. A reunião era justamente para isso, para que os recém-concursados pudessem se conhecer e serem apresentados à equipe atual. Com quinze minutos de atraso, iniciam as conversas. Primeiro, os senhores em pé cumprimentam a todos, de forma cordial e amigável. Cada um se identifica, dizendo nome e cargo ocupado. O primeiro, um senhor alto, magrinho, com bigode grisalho bem feito e uma careca reluzente, formado em administração, apresenta-se como Walter, o Secretário da pasta de Obras e Habitação. O segundo, um pouco mais baixo, também magrinho, com cabelos ruivos e bem volumosos, jovem e bem viril, é o vice-secretário, também administrador, chamado Lucas. O terceiro apresenta-se como Geraldo, mecânico, CC (cargo de confiança) e responsável pelo pátio de máquinas da prefeitura.

Lucas é quem conduz a reunião de integração. Tranquilamente e muito cordial, manifesta frases de impacto. Na sequência, um vídeo motivacional que deixa uma mensagem de como a disciplina, o comprometimento, lealdade (à instituição) são fatores determinantes de sucesso. Os olhos brilham. Todos muito bem concentrados absorvem aquela mensagem e se motivam com a situação. “Estou no lugar certo”, pensa Mário.

Ao final, Lucas, em um tom de liderança, bate a mão na mesa e, com vigor, salienta que aqueles seis homens são o novo time da secretaria e que tinham um trabalho importante por fazer. As falas inspiradoras de Lucas foram encerradas com aplausos, puxados pelo Secretário e pelo Supervisor de pátio os quais, após, conduziram os novatos por um passeio nas dependências do prédio. Ao meio-dia, os trâmites encerravam e os três senhores convidaram convidam os recém integrados funcionários para almoçar, pois às 12h30, tinham uma missão importante a cumprir. “Que honra”, pensou Mário, almoçar com os chefes não estava planejado nem nos seus melhores sonhos! Mandou uma mensagem para Lucinda. Estava em êxtase. Trabalho novo, estabilidade, pessoas acolhedoras. Ia ser ótimo. No almoço, Walter e Lucas começaram a explicar a situação que estavam enfrentando.

A fábrica SuperQuime, uma empresa de fertilizantes e produtos químicos, havia apresentado ao prefeito um plano de negócios para se instalar na cidade, e a missão da Secretaria de Obras era dar suporte para todo esse progresso. Necessitavam um local bem específico para construir o prédio. A instalação da fábrica na cidade era algo estratégico para a empresa, em função da localização geográfica, abundância de matéria-prima e mão de obra. O terreno requerido, pertencente ao poder público, estava ocupado no momento por um grupo de 380 famílias, alocadas lá pela administração de dois mandatos atrás, como promessa de campanha. No geral, eram pessoas humildes e pobres. Ninguém possuía escritura da terra, tampouco dos imóveis.

– É claro que todas essas pessoas serão realocadas para um lugar muito melhor – afirmou Lucas, com um tom de voz firme. – Mas, infelizmente, ainda estão resistentes. Eles não entendem nada do que estamos tentando fazer aqui. Nós, por outro lado, estamos pensando no bem de todos.

Lucas fez uma pausa, olhando diretamente para cada um dos novos funcionários.

– Nós vamos mudar o futuro de centenas de pessoas. Vamos transformar a realidade de muita gente, para melhor. E faremos isso juntos.

Essa frase ficou ecoando na cabeça de Mário. Era muito mais do que ele podia imaginar. Emprego novo, estabilidade, e ainda fazer parte de algo grandioso! Mal podia esperar a tarde chegar! Comeu vorazmente no

almoço. “Comida boa”. Nunca tinha ido a um restaurante tão chique. Bem mais entrosados, conversavam e riam. “Que gente boa”, pensava, “Que sorte a minha.” O passeio da tarde foi muito divertido.

Às 16h, retornaram para o prédio da Intendência. Se despediram. Cada um foi para seu ponto de ônibus. Amanhã, às 8:30, se encontrariam novamente no pátio de obras e de lá, iriam conhecer o futuro local da fábrica, junto com o diretor da empresa e os engenheiros responsáveis pela obra. “Isso seria melhor que o dia de hoje”, pensou, “quanta gente importante!”

Quando chegou em casa, uma hora e meia depois de subir no ônibus, abraçou Lucinda e contente, mas sem muita ansiedade, quis contar as novidades. As crianças estavam brincando na rua, fez a esposa chamar a todos e relatou, sem muitos detalhes, que a cidade iria avançar e que ele faria parte disso no seu novo emprego. Contou da fábrica, não lembrou de contar das famílias, esse detalhe passou despercebido.

À noite, foi na venda comprar mantimentos para fazerem uma refeição juntos. Comprou fiado, mas agora tinha crédito, era funcionário público. Às 22:00, todos já estavam dormindo. 6:15, o telefone desperta Mário. A mesma rotina, mas hoje tinha pão no café da manhã, e tinha fruta também, bananas. Come satisfeito. Se despede das crianças ainda dormindo no leito, abraça a mulher e sai. 8:10, chega no pátio de máquinas. Novamente, Walter, Lucas e Geraldo já estavam os esperando. Em seguida, um carro preto, muito elegante, estaciona. Dele saem dois homens, vestidos de terno escuro impecavelmente. Cumprimentam sorridentes o Secretário, o Vice e o Mecânico. Na sequência, Mário e os demais são apresentados ao Sr. Altivo (dono da SuperQuime) e ao Sr. Pablo (engenheiro responsável pela obra da fábrica). Sem muitas delongas, entram nos carros e vão para o local da futura obra.

Meia hora depois, estacionam. Algumas crianças vêm correndo, curiosas, ver quem eram. Muito simpáticos, todos sorriem e cumprimentam. Em cima do porta-malas do carro do Sr. Altivo, Pablo abre um rolo de papel, com a planta da fábrica. Um projeto grandioso. Muito motivados, fazem gestos, acenam, batem palmas, sorriem, enquanto os moradores do local transitam, com olhar desconfiado, alguns assustados, como já prevendo o que vem pela frente. Mário contempla o entusiasmo dos

seus superiores e se aproxima para participar da conversa. Mesmo sem entender muita coisa, compartilha dos risos e da algazarra toda. Ao findar a conversa, Sr. Altivo lembra Walter do prazo: “20 dias, hein, já estou com a construtora sob aviso, 20 dias!”. “Está tudo certo”, confirma Walter.

À tarde, depois do almoço, Walter chamou a todos para uma reunião em seu gabinete. 13:00 e todo o “time” estava lá.

– Amanhã começamos a limpeza – disse ele. – As máquinas estão prontas, Geraldo?

– Sim, tudo pronto, chefia.

Agora, dirigindo-se especialmente aos novatos, Lucas reforça:

– Amanhã iniciamos a grande obra desta administração. Precisamos, mais do que nunca, que todos cumpram seu dever para o bem de todos.

Hoje a conversa era mais séria, mais enfática e motivadora. Lucas, sempre muito envolvente, explicou a cada um o seu importante papel. Caberia a Mário e aos seus colegas, auxiliar na remoção dos entulhos após as máquinas demolirem os casebres. “Limpar, deixar tudo prontinho para que o Sr. Altivo possa começar a construção dessa nova era para o município.”

O trabalho de “limpeza” durou quatro dias. “Só não foi mais rápido porque os moradores não colaboraram”, justificou ele ao Sr. Altivo na reunião realizada para acertar o início das obras. Ao dizer isso, recebeu um tapinha nas costas, o que lhe deu a certeza de que tinha feito um excelente trabalho. Contudo, trazia consigo sensações que pareciam confundi-lo em um misto de dever cumprido e culpa. Diversas vezes tiveram que parar os trabalhos, pois as pessoas resistiam. Olhares e gestos desesperados inundavam o lugar, onde os gritos se misturavam ao barulho das máquinas. Mário sentia-se por vezes, doído, angustiado. Queria que tudo acabasse logo. Sabia que era o melhor, que estava apenas cumprindo sua função, e, ao mesmo tempo, sentia que carregava, além dos entulhos, um peso no peito que não conseguia ignorar. Ao voltar para casa, Mário olhou para sua morada e pensou: “Mês que vem começo a reforma.” Mas, enquanto observava as paredes descascadas e o assoalho rangendo, uma sensação de vazio o invadiu. A casa, que antes parecia um refúgio, agora lhe parecia estranha, quase opressiva.

Quando Lucinda entrou na cozinha, ele tentou sorrir, mas o gesto saiu forçado, quase grotesco. Ela não percebeu, ocupada com as tarefas do dia. Mário se levantou e foi para o quarto, deitou-se na cama e encarou o teto. As rachaduras formavam padrões caóticos, como se refletissem a desordem de seus pensamentos e sentimentos. Naquela noite, Mário dormiu mal. Sonhou com as famílias despejadas, seus rostos transformando-se em máscaras de desespero. Acordou várias vezes, suando frio, mas cada vez que fechava os olhos, os rostos voltavam, como fantasmas de uma consciência que ele não podia mais ignorar. Dentro de uma jaula, forjada pela necessidade de permanecer para sobreviver, Mário seguiu, um burocrata da intendência, cumprindo suas funções com a eficiência de uma máquina, à medida em que sentia sua alma esvair. Um estranho, em sua própria vida.

## O VAZIO PREENCHIDO

Ana Júlia de Lima Grutzmacher

Vazio. Um enorme vazio preencheu o meu coração ao longo da vida, e nada verdadeiramente fazia eu me importar, alegrar ou sentir qualquer coisa no geral. Apenas aquela constante sensação de ausência. Eu tive pais amorosos, um teto sobre a cabeça e nunca passei por necessidades; nunca me faltou algo. Então, por quê? Por que eu não conseguia sentir nada?

Apesar de viver assim, eu era boa em fingir que estava tudo bem; observava a expressão no rosto das pessoas e seu comportamento nos diferentes ambientes. 'Em situações felizes, você deve rir', eu ria. 'Em situações tristes, você deve chorar', eu chorava. Eu fazia tudo isso para sentir como se eu estivesse me comportando de acordo com o esperado, mas a única coisa que eu sentia era um vazio imenso.

Eu era boa em muitas coisas, e meus pais se orgulhavam disso. Lembro até hoje deles mencionando para os vizinhos que eu fui a primeira classificada no Vestibular 'Querida, vai cursar o quê? Engenharia?' 'Não seja boba! Com a pontuação dela, ela pode cursar Medicina!'. Eu não entendi o motivo de tanta agitação. O que havia de tão incrível em ter um placar bom, se eu não tinha vontade em fazer nada? Nenhum curso despertava me interessava o bastante para querer aprender mais sobre aquilo a ponto de eu me formar e exercer essa profissão pelo resto da vida.

Uma casca vazia. Era assim que eu me sentia, até você chegar à minha vida.

Recordo-me até hoje do dia que te conheci. Chovia muito lá fora, e você entrou apressada e completamente encharcada, dos pés à cabeça, segurando um monte de arames que um dia foram o seu guarda-chuva, agora destruído. Você resmungava palavrões enquanto o encarava, como se esperasse que, de alguma forma, ele voltasse à sua forma original. De qualquer maneira, nossos olhares se cruzaram instantaneamente, e você sorriu de maneira sem graça, mas ainda sim belíssima, de um jeito que me prendeu o olhar. Você veio até mim e perguntou se havia vaga para atendente.

Respondi que sim; lidar com a cafeteria sozinha dava muito trabalho, e uma ajuda facilitaria as coisas. Você sorriu agradecida.

No seu primeiro dia, eu a instruí nas tarefas, e logo você pegou o jeito. Era muito gentil com os clientes e comigo também. Todos os dias, trazia alguma novidade, e eu conhecia cada vez mais um pouco de você: gostava de ler e escrever, mas não quis fazer faculdade sobre isso, acreditou que estragaria a graça de poder fazer isso. Após a morte dos seus pais em um acidente de carro, comprou um apartamento e passou a viver apenas com as suas plantas e velas aromáticas.

A maneira calma com que você descreveu esses detalhes me chamou a atenção. Perguntei o que você sentia, e você respondeu ‘agradecida’. Não entendi muito bem, continuei admirando o sorriso no canto dos seus lábios. Você mencionou que nunca havia contado isso a alguém. Perguntei sobre seus amigos e você deu de ombros, e eu percebi que agora compartilhávamos essa e muitas outras coisas só nossas. Notei que era fácil tirar um riso de você, como quando ganhou a sua primeira gorjeta, e, maravilhada, você veio correndo me mostrar. Sua empolgação me arrancou uma risada verdadeira, algo que eu nunca havia feito antes. Eu queria mais dessas sensações.

Eu pensava que estávamos indo bem; havíamos convivido muito uma com a outra, começado a sair juntas e a conhecer o lugar onde cada uma morava. Você não sabe, mas eu frequentei seu apartamento enquanto você dormia. Deitei-me ao seu lado, sentindo o seu perfume doce, e saí antes que você acordasse. Fizemos tudo isso juntas e eu achava que era algo forte, mas os problemas começaram quando você faltou ao trabalho, e qual foi o motivo?

Tentei ligar para a sua casa, mas você não atendeu. Deixei mensagens perguntando se estava tudo bem, mas você não respondeu. Verifiquei suas redes sociais e você havia postado uma foto em uma sorveteria. Tudo bem, mas o que não estava bem era que você estava ao lado de outra pessoa, extremamente perto. O guardanapo que você usou dizia o nome da sorveteria. Coloquei a placa de “já volto” na porta da cafeteria e fui até lá o mais rápido que pude. Assim que cheguei, observei de longe vocês rindo, enquanto ele estava com o braço ao redor dos seus ombros. O que ele disse de tão

engraçado? Era melhor que as nossas conversas? Eu não consigo te fazer rir como ele? Eu não consigo te fazer feliz como você me faz?

A noite chegou rapidamente. Ele chama um táxi e abre a porta para a sua passagem, e você, antes de entrar, dá um beijo na bochecha dele e o abraça. Nojento. Asqueroso. Deveria ser eu, deveria ser o meu abraço e o meu beijo. Você parte e ele caminha calmamente pela rua deserta e escura, estranhamente conveniente. Eu olhei de relance para um canteiro de obras e vi uma barra de ferro. Minhas mãos tremeram e minhas pernas formigaram, um sentimento de euforia e excitação domina enquanto me preparava para o que eu estava prestes a fazer. Não há problema algum em pegá-la, pois seria por você, e usá-la para esmagar a cabeça dele seria pelo nosso bem.

Com toda a adrenalina, a barra de ferro tinha o peso de uma pena, e com ela em mãos, avancei em sua direção e o golpeei na cabeça. O som é abafado, mas cruel, e ele cai no chão. Seu corpo fica imóvel, e eu senti um estranho alívio misturado com uma onda de culpa e medo. Minha respiração ficou ofegante, e uma onda de lágrimas inesperadas começou a escorrer pelo meu rosto. Não tinha mais volta, precisei me livrar do corpo e da arma do crime.

Nos dias seguintes, acompanhei o noticiário sobre o desaparecimento dele com uma ansiedade crescente, mas não houve nenhuma atualização. Nenhuma foto, nenhuma menção a ele. Você também não fez nenhuma referência ao encontro de vocês, será que você não confia em mim o suficiente para compartilhar isso? Ou ele não foi tão importante a ponto de me falar isso? De qualquer forma, nossa relação parecia ter voltado ao normal. Continuávamos unidas, vivendo nossos momentos apenas nós duas, assim como deveria ser.

Uma noite, iríamos dormir juntas como sempre fazíamos, e em determinado momento, começamos a procurar uma caixa de DVD's para assistir. Sem que eu percebesse, você entrou no quarto de hóspedes e começou a procurar no armário, o mesmo lugar que estava o cano de ferro ainda ensanguentado e celular dele. Eu entrei no quarto no mesmo instante, e sua expressão mudou para um terror absoluto.

Lágrimas caíam do seu rosto enquanto você me perguntava o que eu havia feito. Eu tentei explicar que não era o que parecia, que eu fiz aquilo por

nós, que não podia suportar a ideia de alguém te tirar de mim e você ir embora, abandonando tudo o que tínhamos vivido juntas. Eu só queria ficar perto de você, sentir tudo com você, manter essa conexão que busquei a vida inteira.

Você não me escutou. Desesperada, jogou o celular e o cano em mim. Eu ri, incrédula com a sua tentativa fútil de me atacar, em vez de usá-los para se defender. É engraçado como você sempre criticou as protagonistas de filmes de terror que reagem de maneira estúpida frente ao perigo, mas agora estava agindo exatamente como elas.

“Fique longe de mim!”, você gritava enquanto corria pela casa, procurando as chaves da porta que estavam no meu bolso. Eu a alcancei, levei minhas mãos ao seu pescoço e o segurei firme. Você, ofegante, tentou respirar fundo em busca de ar, nossas pernas se entrelaçaram e caímos juntas em cima da mesa de vidro. Sentimos os filetes cortando nossas peles, mas eu não te soltei, assim como nunca faria.

Seus olhos ficaram opacos, você parou de se contorcer, suas mãos relaxaram do aperto, assim como o restante do seu corpo. Você havia me deixado, mas, de alguma forma, consegui fazer eu sentir algo mais uma vez: desapontamento. Eu esperava que você entendesse os sentimentos que despertou em mim, os sentimentos que me fez sentir e compreender, mas você me decepcionou e selou o seu próprio destino.

Preparei o seu bolo favorito da cafeteria: banana com chocolate e nozes picadas. Enquanto ele assava, limpei a pequena bagunça que havíamos feito e organizei tudo com o cuidado e carinho que você sempre mereceu. Escolhi um dos vestidos mais elegantes que melhor combinava com você, tentando deixá-la tão deslumbrante quanto sempre foi para mim. Era o meu último gesto de agradecimento por tudo que você fez por mim.

Carreguei você até a laranjeira que tanto amava e te coloquei sob a sombra da árvore, enquanto preparava o local conforme o seu desejo, com muitas flores de camomila ao seu redor. Cada movimento que eu fazia era um ato de amor e respeito, um reflexo do quanto você significou para mim.

Eu deveria sentir tristeza e medo pelo que fiz, mas na verdade, sinto uma estranha gratidão por você. Com a sua ajuda, agora sou capaz de experimentar algo que nunca havia sentido antes: a constante euforia de nunca ser pega.

# O LIBERTADOR DE GADO

Gabriel Cassol Machado

A densa mata de cedro projetava sua escuridão sobre as sinuosas elevações dos pampas, escondendo indivíduos de moralidade tão serpenteante quanto. O grupo de jagunços se enfiava por meio de galhos e troncos retorcidos, fitando atentamente a junta de bovinos que pastava sem muita pressa pelas beiradas das cercas. Toda essa tropa à espera de um único homem.

A missão lhes incumbida era simples, mas de forma alguma fácil. Matar o ladrão de gado que vinha assombrando a região há algum tempo. Já haviam feito isso tantas vezes que nem sentiam mais o veneno da pólvora percorrer o sangue e corroer a alma ao puxarem o gatilho, contudo desta vez era diferente. Alguns o julgavam um fantasma, outros tantos diziam ser um título adotado por diferentes revolucionários, já os mais céticos afirmavam se tratar apenas de um mito, mas a fama do libertador de gado era incontestável da laguna até a fronteira cisplatina.

Os calhordas chegaram no local da tocaia antes mesmo do sol resolver aparecer e permaneceram de vigia por mais de meio dia, motivados apenas pelo vil metal e um aviso prévio.

*“Caro senhor Bonifácio,*

*Me aproxiguei por essas bandas há alguns dias e fiquei sabendo do povarêu afora que vossa mercê é o grande estancieiro dessa região, por isso, lhe concedo a indubitável honra de ser minha primeira visita por aqui!*

*De seu amigo do peito, o libertador de gado.”*

O bilhete foi cravado na porta do quarto do velho Bonifácio, o senhor das terras, com uma velha adaga de prata que se mantinha sempre repousada debaixo do travesseiro do homem. Ninguém sabe como o bandoleiro entrou, tampouco como saiu, de qualquer maneira conseguiu a atenção que almejava. Mais de três dezenas de capangas vindos de toda a região de Bagé foram mandados para pará-lo.

Já estava próximo do último badalar do sino quando um estampido perfurou a monotonia, correndo pelas coxilhas, e pode se sentir no chão um tremor que repercutiu corpo acima arrepiando as espinhas.

Os jagunços se movimentaram e sacaram seus revólveres à espera do motivo por trás do ruído misterioso, seja lá o que fosse.

Os mais corajosos tremeram as pernas junto com a terra, outros sentiram a bexiga fraquejar, um mais atrás largou a arma aos pés e pôs-se a rezar. E se tudo que falaram era verdade? E se essa coisa era uma assombração? Um espírito de vingança atrás dos donos de terras que oprimiam os de menos posses? Um afilhado de nossa senhora que condenava os de coração corrompido pelo dinheiro? Pouco importava, pois logo após mais um barulho, um tiro, subiu rumo às nuvens e rasgou o celeste do céu.

O mugido das vacas diminuiu a tensão por alguns momentos, permitindo que os pulmões afritos tomassem mais uma última dose de folego, até que se enxergou uma, duas, dez, cinquenta cabeças de gado correndo sem intenção alguma de parada em direção a mata de cedro. A visão arremessou a mente dos capangas em um estado de puro caos e eles se puseram a subir nas árvores, iguais pequenos bugios em fuga, com outros tantos correndo campo afora até que gastassem as juntas dos ossos. O importante é que não sobrou uma viva alma para contar história quando estourou a boiada. Os poucos que foram capazes de reunir forças para olharem para trás conseguiram enxergar a figura misteriosa por entre um chifre e outro, montando um cavalo manchado de respingos negros, e trazendo em sua testa um lenço vermelho amarrado, escondendo o rosto do bandoleiro.

– Maragato desgraçado! Berrou um dos fugitivos antes de ser pisoteado pelos cascos dos animais.

O rebanho foi tocado pelo mascarado com um eventual disparo de revólver reavivando por mais um tempo as labaredas da adrenalina nos fortes corpos torneados dos bovinos. Assim se seguiram até o casarão principal, onde alguns rostos pintados e cabelos bem penteados espiaavam pelas janelas, temerosas pelo que estava para acontecer.

Cercados de madeira foram destruídos durante a passagem dos animais e em pouco tempo conseguiram arrebentar a porteira, correndo para todos os lados da estrada e desaparecendo em um horizonte obstruído pela poeira. O ladrão estava orgulhoso de seu trabalho, sabia que não demoraria muito e o estancieiro recuperaria o gado errante, de toda maneira isso não tornava o deleite da vitória menos saboroso. Gostava de pensar que se os caçadores têm a

caipora e as crianças têm o homem do saco, os terratenentes agora também haviam de ter seu monstro debaixo da cama para atormentar noites intranquilas, alguém para mantê-los constantemente olhando por cima do ombro.

Três tiros subiram aos céus e o garanhão manchado de preto girou em torno de si por algumas vezes enquanto seu condutor gritava em soberba, chamando pelo fazendeiro.

– Não te esconde Bonifácio! Ou vou ter que me enfiar com corcel e tudo na tua casa?

O libertador pressionou o gatilho novamente, desta vez alvejando o degrau da escada em forma de ultimato. Do meio da fumaça da pólvora e lascas de madeira que explodiam em pedaços surgiu uma silhueta robusta, andando desajeitada e tropeçando nos próprios calcanhares. Ao cruzar a entrada a figura se revelou demasiadamente suína, rosada não pelo toque do sol e sim pelo mero esforço de manter o corpanzil em funcionamento, que poderia a qualquer momento interromper suas operações devido a todo o nervosismo que o coração fragilizado fora exposto.

– Um bagual velho deste tamanho tremendo que nem guri? Que vergonha! O velho caiu ao chão nos cascos do cavalo e antes que pudesse levantar ouviu o engatilhar do revólver e se manteve estagnado, com o suor escorrendo pelas têmporas e encharcando o bigode grisalho.

– Olhem bem para isto! Todo peão, toda prenda, todo cusco sarnento! Olhem! Ele circundou o estancieiro em um cauteloso trote, sem perder o alvo de mira.

– Não importa o quão grande seja seu campo, quantas cabeças de gado tiverem, quantos hectares plantados, se compartilharem da índole deste traste, nada vai lhes proteger de mim!

O peito do mascarado se inflou em um ódio primordial, vindo do âmago do seu espírito, alimentando a chama idealista. – Homens que nem você, tomaram nossos cavalos, cercaram nossos campos livres com este arame vil, nos rebaixaram de gaúchos, homens e mulheres impávidos, a peões e serviçais! Não eu. Jamais devorarão meu espírito, pois vivo debaixo apenas deste céu azul e acima somente do meu cavalo.

Rédeas foram puxadas e sua partida se anunciava com o equino se equilibrando nas duas fortes patas traseiras. – Enquanto suas leis

aprisionarem e segregarem os homens, eu serei um rebelde. Não. Mais do que isso, serei um fora da lei!

No instante em que seus lábios se serraram ele descarregou as balas que lhe restavam ao redor de Bonifácio.

– Não te esquece dessa sensação. E partiu cavalgando pela porteira da frente, sem que ninguém fosse capaz de impedi-lo, pois aquele era muito além de um ladrão, era um gaúcho livre, era o libertador de gado.

# MEIA-ÁGUA

Fátima Jussara Pinto Paródia

O dedo riscou o ar, feio, inchado. A unha roída até a raiz. Apontou a casa.

– É ali!

Algumas pandorgas de asas quebradas atapetavam a rua. Na tarde prostrada pelo calor, só dois guris desafiavam o silêncio. Corriam e gritavam desesperados arrastando as pipas por um fio, certos que bastava vontade e um barbante pra dar vida às coisas inanimadas.

– A verde? – perguntou a mulher - a meia-água?

Jovana concordou com a cabeça. Não ousava olhar pra mãe, acuada pelo indisfarçável descontentamento da mulher que, às vezes, ela duvidava terem de fato o mesmo sangue. Ademais, se não fosse uma adolescente medrosa, já teria descido do carro, deixado a megera falando sozinha, e batido à porta da casa. Quase vinte minutos ela e a mãe se expondo aos perigos da vila, enfurnadas dentro de uma camionete de luxo, paradas feito bobas na esquina de uma rua esquelética, asfalto esburacado, casas apertadas, nulas de cor. As casinhas pareciam ainda mais feias porque contrastavam com o capricho da meia-água verde, tão verde, que se confundiria com a grama, não fossem as pequenas roseiras brotadas de flor estendendo-se rentes à cerca de arame.

– É caprichoso - a guria suspirou orgulhosa virando o rosto para a mãe - será ele que cuida da grama, do jardinzinho?

A mulher bocejou entediada. Fazia alguma diferença saber quem naquela casa se preocupava em lutar contra a feiura da rua? Fazia diferença sim. Jovana abriu a boca pra responder, desistiu, a mãe não entenderia nunca. Deslizou os dedos pelo banco do carro, costas eretas pra observar o movimento dos moleques, admirada com tanta liberdade.

Um dos guris corria no meio da rua, sem camisa, corpo brilhando de suor. Braços erguidos segurando as pandorgas sobre a cabeça, o outro corria na frente, puxando os fios.

– Se amaram? – Jovana perguntou cutucando o braço da mãe pra ela parar de tamborilar o volante, chato aquilo. A mulher franziu o cenho, não

tinha entendido a pergunta. A guria meneou a cabeça em direção à casa – tu e ele, se amaram?

– Ah, sim... Muito, muito.

Não entendia então o porquê dela ter fugido a carregando no ventre.

– Tem certeza que tu não entende, Jovana? – a mulher perguntou irritada – olha em volta.

Os olhos da guria correram pela rua. Notou que os moleques tinham trocado de posição. O mais alto corria com as pandorgas desmaiadas sobre a cabeça, o outro puxava os fios da vida em meio a poeira da vila.

– Tu mora numa mansão, minha filha, tem do bom e do melhor... vai me dizer que gostaria de morar ali... numa meia-água? – aos suspiros apontou a casa, depois, enfiou a mão na bolsa em busca de cigarro.

– Nunca tive muita sede, meia-água bastava.

A mãe riu debochada, quem não te conhece que te compre, fez questão de jogar o desdém na cara da filha. Não satisfeita com o escárnio, enumerou as mordomias que o padrasto dava pra elas, e o quanto a ingratidão da guria poderia prejudicá-las. Ainda mais agora, com essa conversa de conhecer o pai biológico.

– Treze anos o Arnaldo junto da gente e agora tu vem com esse papo, Jovana? Não te passa pela cabeça que tu fere os sentimentos do teu pai?

– Padrasto – Jovana corrigiu a mãe num fio de voz.

Que fosse. Arnaldo dava tudo pra elas, nunca foi mesquinho nem mau. Chegava ao ponto de levantar no meio da noite pra velar o sono da mimadinha, tantas e tantas noites ele dorme espremido na cama da guria, deixa o conforto da sua king size só porque “dona Jovana” choramanga por nada.

Jovana passou as mãos no rosto, desolada. E se contasse pra mãe?

– Tu é uma ingrata, guria, ingrata. – A mulher ergueu a mão com raiva, o cigarro bamboleou entre seus dedos enquanto a fumaça subia comprida e tênue até enroskar-se no teto do carro – nem sei o que tô fazendo aqui.

Não, a mãe nunca acreditaria. Ou fingiria não acreditar. É muito melhor abrir mão da filha do que das roupas de grife, da vida de madame.

Um pé de vento levantou as pipas, saracoteando com elas no ar. Os vestidos de papel rodaram, vermelhos, amarelos, azuis, saias estiradas

de cor. O vento manteve o ritmo, elegante, leve e convincente. A alegria ergueu-se contra o pó. Os guris gritavam, donos absolutos do milagre.

Esquecida do sermão, Jovana gargalhou apontando as pandorgas.

– Tu viu? Eles venceram.

A mãe fez um gesto rude, se segurando pra não explodir, jogou o cigarro pela janela. “Guria doida”. Disse girando a chave na ignição.

– Vamos embora daqui, já vi que tu armou este circo todo só pra se aparecer.

Deu ré pra sair daquela rua fétida o mais rápido possível. Quando chegassem em casa, que a guria parasse de bancar a chata, abraçasse bem forte o Arnaldo pra se desculpar, o chamasse de pai.

Jovana ficou calada, contendo o choro, não queria mais papo. Tirou o celular do bolso da calça e colocou os fones de ouvido, balançando o corpo no ritmo da música, ia fingir não ter escutado nada.

– Tá ouvindo, Jovana? – com um safanão a mãe arrancou seus fones de ouvido – tá ouvindo? Repetiu aos berros – quero que tu seja bem boazinha com Arnaldo, sabendo lidar com ele é o melhor homem do mundo. – Enfim, as lágrimas saltitaram nos olhos da guria - O que foi agora, Jovana?

– Nada.

– Nada o quê, guria?

Jovana olhou sério pra cara da mãe, admirou seus traços bonitos, o rosto bem maquiado, o bom gosto pra se vestir, pura ostentação. Vida boa tem seu preço. Era só o que a mãe tinha pra lhe ensinar. O dedo indicador foi à boca. Precisava roer-se. Acabara de sepultar a si mesma. Dali em diante, tudo que lhe restava eram dias sem milagres e um céu carente de pandorgas. Amuada, baixou a cabeça, colocou de novo os fones de ouvido. Antes de se trancar no próprio mundo ainda retrucou num sopro:

– Nada é nada - E deu de ombros . Displiciente, se jogou no encosto do banco. Estirou as pernas, relaxando o corpo, entregue à súbita sensação de conforto. Aspirou fundo o perfume que emanava dela mesma, e foi dominada pelo sentimento de prazer, de segurança.

Talvez ela não esteja mesmo preparada para uma meia-água. Um olhar de esguelha e a rua foi ficando pra trás, encolhia, desfigurada pelo retrovisor.



# POESIAS



# RIO GRANDE RENASCIDO

Isadora Gomes Taugen

Nas águas turvas do Rio Grande,  
A enchente trouxe dor pungente.

Mas nas veias de nossa gente,  
Corre a força de um povo gigante.

Do Brasil, mãos se estendem em socorro,  
Unindo-nos num só coração.

A fé nos guia, firme convicção,  
Que das cinzas, brota novo recomeço.

As águas baixam, revelando cicatrizes,  
Lares perdidos, sonhos adiados.

Mas não nos verão derrotados,  
Pois na união, nossas raízes.

Com cada tijolo, cada abraço,  
Reconstruímos não só casas, mas esperanças.

O Rio Grande se ergue em bonança,  
Renascido, mais forte a cada passo.

E quando as águas voltarem ao leito,  
Teremos uma história para contar,  
De um povo que soube se levantar,  
E fez do impossível, seu grande feito.



## COROA DE MARGARIDAS

Julia Moscato de Bem

Cada palavra voa com o vento	No final da rua
E quando cantava um tormento	Velas queimam no outono
Olhos azuis como o céu	Segredos da minguia lua
Me deixavam ao léu	Guardados em meu entorno

Me perguntava se um dia iria doer	Quando te tomei nos braços
Tínhamos todo o tempo do mundo	felizes eram seus últimos traços
Dois anos em um segundo	Coração de fogo e margaridas
E no fim do dia o sol iria poer	flores mortas apodrecem feridas

Lembranças se despedaçam	Te entrego minha última margarida
Viver delas é pedir dores	Que morre arrependida
Como dedos puxando flores	De não ter tido tempo de dizer
O mal me queria	Adeus, eu amo você
E o bem a sua vida	

Me neguei a pensar  
Margaridas e muito mel  
Brisa quente e repentina  
Tomam o ar daquela esquina



# A BRAVURA

**Bruna Vitória Pasa**

Rio Grande do Sul, outrora céu azul,  
Seus campos verdes, fonte de alegria.  
Hoje, o povo anseia por harmonia,  
Onde antes havia vida em cada sul.

Cantar e dançar, sonhos distantes,  
Enquanto o rio leva lares inteiros.  
O sol nasce, mas faltam sorrisos ligeiros,  
Nas ruas ecoam saudades constantes.

Corações quebrados clamam por piedade,  
A quem recorrer nesta adversidade?  
Não é hora de culpar ou dividir,  
Mas de unir forças para reconstruir.

Que partido escolher nesta jornada?  
A resposta está na liberdade almejada.  
A bravura do povo gaúcho reluz,  
Na luta por dias de esperança e luz.

Além das águas que hoje nos separam,  
Ergue-se o espírito que jamais domaram.  
Rio Grande, tua força não se abate,  
Na união, teu povo vence o combate.



**Impressão**

Gráfica Ponto Cópias

**Tipografia**

Garamond

**Papel da Capa**

Supremo 250g

**TIRAGEM**

100 exemplares - 1ª impressão

**Papel do Miolo**

Pólen 70g



Esta coletânea reúne os textos vencedores do 9º Concurso Literário Prado Veppo, promovido pelo Curso de Letras da Universidade Franciscana - UFN. Os contos e poesias inéditos destacam-se pela diversidade de temas e pela qualidade estética, revelando novos talentos na escrita criativa.

